

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAFIBE**

**PÂMELA D`ARC GENOVEZ**

**FILOSOFIA E LITERATURA: A PERSPECTIVA  
DA PERSONAGEM DE JOSTEIN GAARDER EM  
‘A GAROTA DAS LARANJAS’**

**BEBEDOURO – SÃO PAULO  
2012**

PÂMELA D'ARC GENOVEZ

**FILOSOFIA E LITERATURA: A PERSPECTIVA  
DA PERSONAGEM DE JOSTEIN GAARDER EM  
'A GAROTA DAS LARANJAS'**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário-UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof. José Roberto Almeida

BEBEDOURO – SÃO PAULO.  
2012

Genovez, Pâmela D`arc

Filosofia e Literatura: A perspectiva da personagem de Jostein Gaarder em ' A garota das laranjas' / Pâmela D`arc Genovez. –Bebedouro: Unifafibe, 2012.

43 f.; 29, 7 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Centro Universitário de Unifafibe, Bebedouro, 2012.

Bibliografia: f. 43-44

1. Literatura. 2. Filosofia. 3. Literatura Comparada.  
I. Título.

PÂMELA D'ARC GENOVEZ

**FILOSOFIA E LITERATURA: A PERSPECTIVA  
DA PERSONAGEM DE JOSTEIN GAARDER EM  
'A GAROTA DAS LARANJAS'**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado ao Centro Universitário-UNIFAFIBE como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras (Espanhol e suas respectivas literaturas).

**Orientador:** Prof. José Roberto Almeida

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** José Roberto Almeida  
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

---

**Membro Convidado:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Mariângela Alonso  
Centro Universitário Unifafibe – Bebedouro-SP

---

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela disposição e pela proteção que me concedeu no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. José Roberto Almeida, pela orientação, desprendimento, confiança e paciência; também pelas discussões de ordem teórico-metodológicas, que me possibilitaram reflexão e amadurecimento;

Ao Prof. Dr. Rinaldo Guariglia, pelo direcionamento e o apoio durante o desenvolvimento do projeto de TCC.

Ao meu namorado Daniel Chiarelli pelo apoio e paciência, à minha mãe Paula Regina pela dedicação, aos meus familiares e amigos da turma de Letras, em especial Alini Aparecida Galli e Laisloren Soares Ozório, pela motivação em todos os momentos.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, levaram-me a refletir e a assumir posições, contribuindo com o meu amadurecimento pessoal e científico.

A vida é uma loteria gigantesca, na qual só os números vencedores são visíveis.

GAARDER (2005, p.132)

## RESUMO

Este estudo pretende examinar a obra de Jostein Gaarder sob dois pontos de vista: o literário e o filosófico. Por meio da literatura comparada confrontaremos a perspectiva do personagem Jan Olav, um dos protagonistas de *A garota das laranjas*, com tendências românticas, simbolistas e existencialistas. Também iremos analisar os aspectos gerais da narrativa como tempo, espaço, focalização do narrador e símbolos segundo a teoria literária. Através desse estudo pretendemos compreender o pensamento filosófico contido no enredo e descobrir sua contribuição para o discurso literário. O corpus de pesquisa possui textos e investigações acerca da obra e dos assuntos abordados.

**Palavras-chave:** Personagem. Filosofia. Literatura.

## RESUMEN

Este estudio pretende examinar la obra de Jostein Gaarder bajo dos puntos de vista: el literario y el filosófico. Por medio de la literatura comparada confrontaremos la perspectiva del personaje Jan Olav, un de los protagonistas de *La chica de las naranjas*, con tendencias románticas, simbolistas y existencialistas. También iremos analizar los aspectos totales de la narrativa como tiempo , espacio, focalización del narrador y símbolos de acuerdo con la teoría literaria. A través de ese estudio pretendemos comprender el pensamiento filosófico que está em el enredo y descubrir su contribución para el discurso literario. El cuerpo de la pesquisa tiene textos e investigaciones a respeto de la obra y de los asuntos tratados.

**Palabras clave:** Personaje. Filosofía. Literatura.

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
1 Apresentação da obra .....	10
1.1 Sobre o autor .....	10
1.2 O enredo.....	12
1.2 A análise da narrativa.....	15
2 Introdução ao pensamento filosófico encontrado na obra .....	23
2.1 As origens do romantismo.....	24
2.2 O romantismo na literatura.....	26
2.3 O simbolismo.....	27
3 Paralelos entre a filosofia romântica e simbolista e a perspectiva do personagem Jan Olav.....	32
3.1 Definições de literatura comparada.....	32
3.2 A insatisfação do personagem.....	33
3.3 Idealização e misticismo.....	34
3.4 A concepção de existência sob o olhar de Jan Olav.....	38
4 Considerações finais .....	42
Referências .....	44

## INTRODUÇÃO

Esse projeto pretende investigar a obra *A garota das Laranjas*, de Jostein Gaarder, utilizando a literatura comparada para estabelecer vínculos entre ela e o pensamento filosófico que carrega, pois, podemos perceber tendências românticas no comportamento de Jan Olav, um dos protagonistas, uma atmosfera simbolista e questões existencialistas que envolvem a narrativa.

Nosso principal objetivo é compreender como Jostein Gaarder trabalha com a filosofia em seu livro; para conduzir nosso estudo focalizaremos Jan Olav, um dos protagonistas. Confrontaremos as ideias de Jan Olav com as do romantismo, do simbolismo e do existencialismo.

Como objetivo secundário, faremos uma análise das estruturas narrativas de *A garota das laranjas*, considerando tempo, espaço, foco narrativo e características dos personagens para reforçar as hipóteses de nossa pesquisa e melhor compreender a obra.

A obra de Jostein Gaarder é relevante por ser um romance filosófico que traz uma reflexão sobre o passado, o porquê de nossa existência e se ela vale a pena. Também consideramos a obra por ser pouco estudada, ainda não há muitos trabalhos acadêmicos sobre o autor Jostein Gaarder, e ele apresenta materiais de grande interesse acadêmico, pois, através da literatura ele pretende didatizar a filosofia.

A área de pesquisa é a Literatura, a linha de pesquisa baseia-se na Literatura Comparada, juntamente com a Filosofia e a Teoria da Narrativa; com focalização nas relações entre o livro *A garota das laranjas*, o romantismo, o simbolismo e o existencialismo.

É um trabalho bibliográfico, pois analisaremos o cópulus da obra literária considerando aspectos do romantismo, do simbolismo e do existencialismo.

Faremos a leitura das seguintes obras: *A garota das laranjas* - Jostein Gaarder e *História da Literatura Brasileira*- Massaud Moisés.

O desenvolvimento da nossa monografia seguirá os seguintes passos: literatura e revisão; fichamento das obras; elaboração do plano de aplicação; aplicação do plano; avaliação de dados; resultados e redação do TCC.

No primeiro capítulo apresentaremos o enredo da obra *A garota das laranjas*, fazendo um resumo da história, no segundo tópico analisaremos os componentes da narrativa que são: o foco narrativo, considerando a focalização e o tipo de narrador; o tempo em que é feita a narrativa, se é cronológico ou psicológico; as personagens e suas características; o espaço e a contribuição dele para o enredo; e, finalizando, analisaremos os símbolos mais marcantes no livro, mostrando sua contribuição e seus significados. No terceiro tópico apresentaremos o autor Jostein Gaarder e suas características, considerando aspectos da literatura nórdica para complementar o perfil do escritor.

O segundo capítulo trará o embasamento filosófico com as definições de romantismo e simbolismo. Devido o fato de o simbolismo não possuir destaque em nosso estudo, faremos apenas uma breve análise dele.

Dando andamento à pesquisa, no terceiro capítulo confrontaremos essas filosofias com a perspectiva do personagem Jan Olav. Estudaremos o existencialismo através da visão de Jan e, para confrontá-la, utilizaremos a obra do filósofo Nicola Abbagnano, pois ele faz uma síntese dos pontos mais marcantes do existencialismo segundo os principais pensadores dessa filosofia.

Na conclusão poderemos afirmar qual é a participação do romantismo, do simbolismo e do existencialismo na obra *A garota das laranjas* e como Jostein Gaarder trabalhou com a filosofia.

## 1. APRESENTAÇÃO DA OBRA

Neste capítulo iremos analisar os aspectos gerais da narrativa como enredo, estruturas narrativas e características do autor.

### 1.1 Sobre o autor

Primeiramente iremos apresentar o autor. O tradutor responsável pelo livro, Luiz Antônio de Araújo (GAARDER, 2005, não paginado), nos diz o seguinte:

Jostein Gaarder nasceu em 1952 na Noruega. Estudou filosofia, teologia e literatura, e foi professor durante dez anos. Estreou como escritor em 1986, tornando-se logo um autor de destaque. Ganhou projeção internacional em 1991, com *O Mundo de Sofia*, já traduzido para mais de quarenta idiomas.

Sendo o autor norueguês, abordaremos um pouco da literatura nórdica para entender melhor o estilo do escritor. Alguns críticos observam uma tendência voltada para os problemas do indivíduo, associada a um estilo feito de frases incisivas, secas e curtas:

deriva da gramática e da sintaxe das línguas escandinavas – ,uma escrita transparente raramente isenta de ironia e que se inscreve numa tradição de narrativa urbana em que a natureza está sempre presente.[...]

É apegada à realidade, aos problemas da vida quotidiana e, ao mesmo tempo, muito íntima e melancólica, tendo as relações familiares um grande peso, sobretudo os conflitos latentes que as ensombram. (ÍPSILON, não paginado)

Os críticos observam a individualidade de cada país e cada escritor, mas reconhecem pontos comuns, principalmente no modo de tratar os temas, valorizando os sentimentos e a natureza com incisão. Por isso concordam que:

A felicidade é um obstáculo quase insuperável, não é particularmente fértil como matéria-prima literária, o drama e o conflito oferecem muito mais para dizer. Creio que isto é comum à maior parte dos escritores, e não apenas uma característica dos nórdicos”, diz Tiago Szabo, da Ahab. “Assim sendo, não diria que a literatura nórdica seja mais triste. O que poderá ter alguma influência nessa percepção é o facto de se tratar, em termos gerais, de uma escrita seca, com laivos

de ironia, por vezes gélida, como se estivesse imbuída do clima rigoroso desses países. (ÍPSILON, 2011, não paginado).

Jostein Gaarder possui alguns dos aspectos citados anteriormente, sua linguagem é incisiva, pois fala de modo penetrante: “ O cosmo é muito velho, eu disse, talvez tenha 15 bilhões de anos. E apesar disso, ninguém conseguiu descobrir como ele surgiu. ” (GAARDER, 2005, p.110) Em poucas palavras o personagem exprime sua opinião sobre o espaço e esse discurso está presente na maior parte do livro.

Temos a temática dos problemas cotidianos: a procura pela pessoa amada, a família e a morte. Entretanto o autor coloca esses temas de modo transcendente; através do personagem Jan ele mistifica o tema do amor, pois coloca a busca pelo ser único; para o personagem o sentimento amoroso tem extremo valor e a pessoa amada tende a ser idealizada.

Assim como os críticos disseram, a família tem grande peso na obra de Gaarder, o amor paterno de Jan Olav era tão grande que se estendeu além de sua existência e o sentimento pela esposa também “ Já não sinto necessidade de ver ou viver mais do que vi e vivi. A única coisa que quero, e muito, é reter o que tenho. ” (Ibid., p.16)

A característica da literatura nórdica pertinente na obra é o cenário urbano com a presença da natureza “ Sempre brincávamos no parque de Kloerverei, entre arbustos e flores, bancos e árvores. Lá levávamos a nossa vida de esquilos [...] ” (Ibid., p.79).

Uma observação interessante é que o romantismo mais forte foi o alemão, pois foi na Alemanha que o movimento romântico começou a ser gerado através do movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), considerado o Pré-Romantismo e, dois anos antes:

[...] o aparecimento do Werther, de Goethe, vinha oferecer uma espécie de símbolo acabado das motivações do grupo, um tipo de comportamento que fazia carreira em todo Pré- Modernismo europeu, desencadeando uma autêntica onda de werthenismo, e um modelo para o romance e a novela sentimental do século XIX. (MOISÉS, 2001 p.321)

Além disso, a Alemanha é um país do norte como a Noruega. Para Massaud Moisés (2001, p. 321), os povos de língua neolatina encontram sua idade de ouro na

Antiguidade greco-latina, para a qual sempre se voltam quando buscam ideais supremos de arte. Já os povos anglo-saxônicos não descendem diretamente da Grécia e de Roma, desse modo a Idade Média tornou-se sua fonte de inspiração e o seu mundo é medieval, não mediterrâneo.

A Noruega é um país nórdico, mas os países nórdicos e os anglo-saxônicos têm ligações históricas desde os tempos dos godos.

Entretanto, não devemos nos esquecer que o propósito do autor não é trabalhar a filosofia hermenêutica, pois de acordo com as próprias palavras dele “O ensino da filosofia não precisa ser complexo, intrincado. Tem a ver com curiosidade, a mania de fazer perguntas, algo que perdemos na cultura ocidental quando envelhecemos.” (GAARDER apud GAZOLA, 2012, não paginado).

Tais informações são pistas para nosso estudo.

## 1.2 O enredo

Portanto existem dois tempos em nossa conta, ou em nosso último encontro. Às vezes eu tenho a sensação de que cada um de nós está no alto de uma montanha envolta em neblina, um tentando achar o outro na distância. Entre nós há um vale encantado pelo qual você acaba de passar no caminho da vida, mas onde eu nunca pude vê-lo. (GAARDER, 2005, p.17)

Para apresentarmos a obra e encaminharmos o processo de pesquisa, faremos a seguir um resumo do enredo. Mesquita (1986, p.7) relata que a palavra *enredo* pode apresentar algumas variações de sentido, mas o essencial é o de *arranjo* de uma história, pois ele mostra o desenvolvimento dos fatos até o desfecho do enredo, sendo desse modo o corpo de uma narrativa.

É o enredo que nos mostrará todo o percurso dos personagens e as consequências de suas ações. E os “componentes estéticos que estruturam materialmente a obra estabelecem entre si relações que dependendo da maneira como se a lê, criam uma diversidade de sentidos, em função de condicionantes pessoais e sociais.” (Ibid., 1986, p. 13). Desse modo, cada obra traz uma mensagem, mas a interpretação e a compreensão dependerão da percepção de cada leitor ou grupo social.

Fábula é, segundo Todorov (2006, p.61) uma “ série de acontecimentos representados, tais quais eles se teriam desenrolado na vida, *da trama*, arranjo particular dado a esses acontecimentos pelo autor. “ Portanto, iremos apresentar a fábula de *A garota das laranjas*. Tudo se inicia quando, aos quinze anos, Georg Roed recebe uma carta inusitada cujo remetente era seu pai Jan Olav, falecido há onze anos, ela esteve escondida durante todo esse tempo no forro de um carrinho de bebê que pertenceu ao garoto e, a correspondência chegou no momento planejado pelo pai. Através dessa carta Jan Olav relata sobre a misteriosa garota de anoraque alaranjado que conhecera e arrebatara sua curiosidade por estar sempre carregando um saco de laranjas, ela também conquistou seu coração por sua beleza quase sobrenatural:

A primeira coisa que notei foi uma estranha garota que viajava de pé, levando um enorme saco de papel cheio de laranjas. Estava com um anoraque alaranjado, e o saco que apertava junto ao corpo com muita determinação era tão grande, tão pesado que parecia prestes a cair de uma hora para outra. Mas não foram as laranjas que me chamaram atenção, e sim a moça que as carregava. Vi imediatamente que ela tinha uma coisa muito especial, algo insondavelmente mágico e encantador. (GAARDER, 2005, p.21)

Ao longo da narrativa o jovem apaixonado imagina inúmeras justificativas para o enorme saco de laranjas que ela carregava e faz muitas buscas pela jovem desconhecida.

E com mais determinação ainda resolvi fazer o possível e o impossível para revê-la. [...]  
 Não parava de pensar naquele saco de laranjas. O que ela pretendia fazer? [...] Talvez a garota das laranjas morasse com uma família grande. [...]  
 Eu pensei: com certeza, a garota das laranjas pretende atravessar a Groelândia ou pelo menos a Hardangervidda de esquí, e obviamente não deixa de ser sensato levar oito ou dez quilos de laranja num trenó puxado por cachorros, do contrário ela arriscaria morrer de escorbuto no deserto gelado. (Ibid., p. 27)

Junto com esse relato Jan faz diálogos e reflexões sobre a vida e o universo com seu filho. Os dois tem em comum a paixão pelo Universo, especialmente pelo telescópio Hubble, e uma certa curiosidade filosófica, note as palavras de Georg sobre o telescópio: “Meu pai morreu sem saber que o telescópio Hubble havia tirado

as melhores e mais nítidas fotografias do universo. [...] Além disso afixei na parede do meu quarto algumas das que eu mais gostava[...]` (Ibid., p.19) E veja que ele também tem interesses filosóficos `` [...] muita gente passa a vida inteira sem perceber que flutua no espaço vazio. Há tanta coisa aqui embaixo, isso só atrapalha. Já basta a gente se preocupar com a própria aparência. `` (Ibid., p. 43)

Através da narrativa o menino descobre que a garota era sua própria mãe, Veronika. ``Agora eu sabia quem era a garota das laranjas e podia ter adivinhado muito antes que meu pai me contasse que ela se chamava Veronika... `` (Ibid., p.87). Ela era pintora e na época utilizava as laranjas em seus quadros para retratar a singularidade de cada uma. Além disso, Jan e Veronika foram amigos na infância até Veronika mudar-se e, ele não havia reconhecido a garota, mas ela o havia reconhecido. Ele surpreendeu-se com essa descoberta; pois segundo ele: ``- Como eu ia reconhecer uma lagarta que faz tempo já se transformou em borboleta?``. (Ibid., p. 79).

O pai e a mãe de Georg viveram muito felizes até que uma trágica notícia pôs fim ao conto de fadas, uma doença sem cura levaria Jan em pouco tempo, como ele era médico não teve dúvidas do seu diagnóstico e constatou com amargura que nunca poderia filosofar com seu filho, pois este ainda era pequeno. ``Em geral, uma doença terrível precisa de muito tempo para finalmente derrubar a pessoa e nocauteá-la de vez. É possível que você se lembre de que eu era médico [...]`` (Ibid., p.17).

A solução foi a carta:

Desde que você nasceu eu quero ter a alegria de lhe contar a história da garota das laranjas. Hoje- quer dizer, agora, enquanto escrevo- você é muito pequeno para entendê-la. Por isso ela vai ser a pequena herança que lhe deixo. Tem que ficar guardada em algum lugar, à espera de um outro dia na sua vida. (Ibid., p.17)

Enquanto Georg conhece melhor o pai, que até então era uma imagem construída através de fotos e vídeos antigos, o garoto também se apaixona por uma garota que fazia aulas de música com ele. Tímido, Georg mal conseguia iniciar uma conversa estável com ela ``Toda segunda-feira, tenho aula de piano das seis às sete. Acontece que uma garota tem aula violino no mesmo horário [...] é possível que goste de mim, mas que seja tão tímida quanto eu. `` (Ibid., p.36-37), e através

da narrativa de seu pai ele compreende que às vezes temos que correr riscos para alcançar nossos objetivos. No fim da carta o pai faz uma importante pergunta ao filho, queria saber se o filho optaria por existir se pudesse escolher:

Imagine que, há muitos bilhões de anos, no momento em que tudo foi criado, você estivesse no umbral desse conto de fadas [...] E tivesse a opção de nascer neste planeta se quisesse. [...] Só saberia que, se decidisse um dia nascer neste mundo, quando chegasse a hora ou, como se diz, quando o ' ciclo se completasse', teria de deixá-lo e a tudo quanto nele existe. (Ibid., p.127)

Após uma breve reflexão, o garoto escolhe a existência, apesar das imposições da vida.

Alguns anos após a morte de Jan, Veronika casa-se outra vez, com Jorgen, um antigo namorado, e tem uma filhinha chamada Miriam com ele. Apesar de tudo a garota das laranjas não havia esquecido seu grande amor.

Universo, pessoas, vida, mistérios... O que é a vida? Por que somos tão singulares, mesmo existindo milhões de pessoas? Você viria ao mundo se pudesse escolher? No livro passado e presente se entrelaçam para trazerem à tona questões como essas, pertinentes aos seres humanos.

Portanto a fábula do livro nos dá uma ideia geral dos acontecimentos, o que facilitará a compreensão do nosso estudo.

### **1.3 A ANÁLISE DA NARRATIVA**

Iremos analisar a narrativa para melhor compreender os elementos que a compõe, pois ela "tem de ser apreciada pela análise de seus elementos construtivos [...]os componentes do texto literário são vistos não isoladamente, mas inventariados pelas relações necessárias que estabelecem entre si." (D'ONOFRIO, 2007, p.56-57)

#### **O foco narrativo**

" *A garota das laranjas* " é um romance filosófico e de acordo com os pensamentos da autora Lígia Chiapini Moraes Leite (2005, p.11) o romance beneficiou-se com a liberdade narrativa conquistada pela poesia épica, e, citando Kayser, ela diz que há uma diferença entre os dois gêneros: na poesia épica há um

público que compartilha as mesmas experiências e os mesmos valores; já o romance fala a um leitor individual numa sociedade fragmentada e, dessa forma os antigos heróis universais serão particularizados em personagens. Assim o romance é direcionado a cada leitor de modo particular e cada um captará as mensagens transmitidas de acordo com suas experiências e ideias, “[...] o narrador do romance [...] perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados.” (Ibid., p.11) Não há mais empecilhos entre narrador e leitor e Jostein Gaarder utiliza esse recurso para transmitir suas ideias, pois através do romance ele consegue fazer com que as pessoas façam uma assimilação melhor de suas mensagens e, na maioria das vezes, elas acabam identificando-se com os personagens.

O enredo é conduzido por duas vozes, de um lado temos Jan Olav, um homem com os dias contados que resolve compartilhar com o filho a história fantástica de uma garota que conheceu há tempos; do outro Georg, o filho, um garoto tímido de quinze anos que ama astronomia. Apesar de fazerem parte do mesmo fio narrativo eles estão separados por épocas diferentes. Nos dois casos temos o narrador- protagonista, aquele que protagoniza e relata os fatos, Salvatori D’Onofre (2007, p.54) nos diz que a “personagem central faz uma sondagem na profundidade de sua consciência, misturando sensações presentes com lembranças do passado. É o chamado romance de introspecção psicológica, de fluxo de consciência [...]”. Isso contribui para a subjetividade e a parcialidade da obra, criando uma atmosfera de sentimentalismo e hesitação, algo característico do romantismo: “Meu pai morreu há onze anos. Na época, eu nem havia completado quatro. Não esperava voltar a ter notícia dele, no entanto agora nós estamos escrevendo um livro juntos.” (GAARDER, 2005, p.7).

Nem Jan e nem Georg tem acesso a todos os acontecimentos que lhes cercam, portanto eles fazem uma narrativa parcial: “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (MORAES LEITE, 2005, p.43). Isso justifica o comportamento de Jan Olav que, não conhecendo nada sobre a garota ele começa a fazer várias deduções a seu respeito; e o garoto retoma a narrativa de seu pai inserindo suas próprias observações e conclusões.

Esse foco narrativo ainda contribui para o aspecto do impressionismo simbolista: “[...] as imagens simbólicas transmitem as impressões que experimenta aquele que sente o encanto delas.” (INFOPÉDIA, 2003, não paginado), desse modo em *A garota das laranjas*, pai e filho narram suas lembranças e impressões a respeito dos fatos: “Lembro que estava pensando na faculdade de medicina [...]. Era estranho imaginar que um dia seria médico de verdade [...].” (GAARDER, 2005, p. 21).

### **O tempo**

O tempo presente na narrativa é o psicológico, pois, ele é regido pelas lembranças de Jan e de Georg que retoma o discurso paterno e introduz suas próprias experiências e impressões à narrativa.

“Você está sentado, Georg? É bom que esteja, porque eu vou lhe contar uma história eletrizante...” (GAARDER, 2005, p.11).

De acordo com Salvatori D’Onofre (2007, p.85-86), o tempo psicológico é o momento interiorizado pelo personagem e parte da perspectiva da realidade, desse modo a duração dos acontecimentos dependerá de sua importância para ele. “No tempo psicológico, as fronteiras do passado, do presente e do futuro são abolidas. [...] O que resta, portanto, é apenas o presente existencial, convergência do passado modificado pela memória e do futuro pressentido pelo espírito.” (Ibid., p. 86)

É o que podemos perceber quanto à relação de tempo que rege a obra:

Portanto existem dois tempos em nossa conta, ou em nosso último encontro. Às vezes eu tenho a sensação de que cada um de nós está no alto de uma montanha envolta em neblina, um tentando achar o outro na distância. Entre nós há um vale encantado pelo qual você acaba de passar no caminho da vida, mas onde eu nunca pude vê-lo. (GAARDER, 2005, p.17)

Jan Olav está no presente, no passado e no futuro. Isso acontece porque a partir do seu presente ele volta o olhar para o passado, que é a narrativa sobre a garota; mas ele dirige-se para o futuro que é seu filho depois de alguns anos. Esse fato remete a fuga que ele faz de seu presente, que o angustia por estar doente, um elemento romântico. Quando o personagem recorda o passado, a narrativa

interrompe o seu percurso cronológico e remonta as cenas do passado: “A história da garota das laranjas começa numa tarde em que eu estava esperando o bonde em frente ao Teatro Nacional.” (GAARDER, 2005, p. 21). Esse fenômeno é conhecido por analepse:

Quando surge o termo analepse nos mais variados contextos, este pode parecer estranho, mas sua função é conhecida por muitas pessoas, porém, com outra nomenclatura, flashback, que nada mais é que uma recordação, uma lembrança. (BETTIO, 2010, não paginado).

Outro fenômeno na narrativa é a prolepse:

Em contrapartida à analepse, está a prolepse, que significa o contrário, até como seus próprios prefixos deixam claro. Da mesma forma que a analepse, prolepse também é uma figura de sintaxe. A diferença é que este último termo em questão vai remeter ao futuro no decorrer do texto e até mesmo prever o futuro. (Ibid.)

Isso ocorre quando Jan Olav se dirige para o futuro: “Você precisa saber que eu chego a ter arrepios quando penso que estou escrevendo para um filho que sobreviveu a mim [...]”. (GAARDER, 2005, p. 17)

## **As personagens**

Os personagens Jan Olav, Georg e Veronika são protagonistas e redondos, pois ao longo da narrativa apresentam mudanças de comportamento e riqueza em pensamentos e sentimentos. Massaud Moisés (2005, p.110) nos diz que essas personagens possuem qualidades e/ou defeitos complexos, portanto, possuem profundas dimensões de caráter.

Georg é um garoto tímido que se interessa muito por astronomia, especialmente pelo telescópio Hubble. Aos quinze anos é surpreendido pela carta do pai já falecido que altera seu modo de ver o mundo: “Ah! Agora eu vi. Felizmente, nessa equação também há um lépido alegreto. [...] Estou disposto a apostar tudo no segundo movimento!” (GAARDER, 2005, p.129)

Jan Olav é sonhador, pensativo e luta até o fim pelos seus objetivos, primeiramente desvendar e encontrar a garota que o encantou e mais tarde escrever e fazer chegar até seu filho futuramente uma mensagem especial. “ Quando estava no centro e via passar um bonde da linha de Frogner, eu criei o hábito de examinar todas as janelas para ver se a garota das laranjas estava entre os passageiros. ” (Ibid., p. 31).

Veronika, a garota das laranjas, além de exercer fascínio sobre o jovem Jan, era uma pintora de alma sensível e também esperta. Tem de enfrentar a perda do amor de sua vida, mas consegue seguir em frente e casa-se novamente com Jorgen e tem uma filha com ele, Miriam. A personagem percebia a singularidade da vida: “ - Não existem duas laranjas iguais, Jan Olav. Assim como não existem duas hastes de grama iguais. É por isso que você está aqui agora. ” (Ibid., p.85)

### **O espaço**

Antes de analisarmos a ambientação da história citaremos Cândida V. Gancho (1997, p.24) que afirma ser o ambiente a projeção dos conflitos dos personagens, portanto eles estão intimamente ligados. Inicialmente o cenário é as ruas de Oslo, Noruega, lugar de encontros e desencontros para os jovens apaixonados. “Era o mesmo que estar na Place de l’Étoile, tantas eram as ruas que eu podia escolher, e a garota das laranjas havia desaparecido por completo.” (GAARDER, 2005, p.26). O espaço urbano reflete o momento em que vivem os personagens, pois nessa cidade onde há tantas pessoas, tantos lugares é que eles se procuram. Essa observação é importante, pois, personagens e espaços se mesclam, se refletem e isso era um fato que o simbolismo valorizava, o simbolista não aceitava a separação entre sujeito e objeto, entre artista e assunto, “ para ele objeto e subjetivo se fundem, pois o mundo e a alma têm afinidades misteriosas, e as coisas mais díspares podem revelar um parentesco inesperado.” (CANDIDO; CASTELLO, 2003, p.295)

Paralelamente ao espaço urbano temos o ambiente doméstico, onde o pai escreve a carta e posteriormente onde o filho a lê; desse modo o espaço representa o aconchego do lar, sinal de que os personagens encontraram seus objetivos, no caso de Jan, mas também pode mostrar a angustia do homem preso ao seu destino: “Agora prefiro passar os dias aqui, onde estão suas coisas. E, à tarde você fica

comigo, a mamãe também. `` (GAARDER, 2005, p.15). E esse cenário pode representar a visão limitada de vida que o garoto possui, pois sendo muito jovem ainda está iniciando a aventura pelos mistérios da existência: `` Penso que deviam proibir vídeos de gente que não existe mais, ou que já não está entre nós, como prefere dizer minha avó. Não acho certo ficar espreitando os mortos. `` (GAARDER, 2005, p.8).

Esses são os lugares predominantes, no decorrer do enredo temos mais cenários que se relacionam com o estado de espírito dos personagens. Quando parte do mistério da garota é desvendado, Jan e Veronika estão saindo de uma catedral numa gélida noite de natal, é nesse momento de renascimento e esperança que o rapaz fica mais próximo da garota: `` Eis que os sinos das igrejas começam a dobrar, e só nesse momento eu tiro a mão de seu cabelo úmido e da fivela de prata. Ao mesmo tempo, um táxi livre se aproxima na Wergelandsvei. Tinha de ser assim. `` (GAARDER, 2005, p. 54). O encontro derradeiro acontece em Sevilha, na Plaza de La Alianza, o próprio nome já sugere uma união, e foi nesse local que se dissiparam os segredos:

Já não havia o que pudesse me conter, eu estava livre de toda e qualquer inibição. De repente, tive coragem de me mostrar sem reserva alguma, ousei me entregar por inteiro à garota das laranjas. E isso foi um grande alívio para mim. (GAARDER, 2005, p. 78)

Quando Jan Olav e Veronika já estão vivendo juntos, eles se mudam para uma casa com um quintal cheio de plantas e flores: ``O nosso primeiro ano no Humleveit foi dedicado à jardinagem. Naturalmente, conservamos as duas macieiras, a pereira e a cerejeira, bastou podá-las e adubá-las. `` (GAARDER, 2005, p.100) e essa passagem dos dois cuidando do jardim reflete o início da vida conjugal, a construção de uma família, de um lar. Para os românticos, ``Quanto mais se ressalta a grandeza de Deus na natureza e em face dela a pequenez do homem, mais se pensa na transitoriedade do orgulho e do poder humanos. `` (CANDIDO; CASTELLO, 2003, p.160) e os personagens sabem reconhecer isso: `` Veronika aguçou o meu olho para as pequenas sutilezas da natureza [...] Que força insondável decora o mundo com flores de todas as cores do arco-íris e enfeita o céu noturno [...]?`` (GAARDER, 2005, p. 101-102), portanto reconheciam a magnitude da natureza e ficavam extasiados com isso.

## Os símbolos

Para completar a análise consideraremos os símbolos mais importantes da obra, numa estreita ligação com o simbolismo, que buscava representar seus sentimentos através dos símbolos:

O símbolo é mais do que uma convergência de caminhos; é uma iluminação. É mais do que uma posição privilegiada: é um centro dinâmico de onde a verdade se dissemina, em todos os sentidos, e sobre todos os planos da realidade. Somente a esse preço, a palavra símbolo pode reencontrar a sua força, o seu verdadeiro valor; somente a esse preço será aquilo que desejam os simbolistas: uma *síntese*. (MOISÉS, 2001, p. 253).

Iniciando pela laranja, figura mais recorrente, percebemos que a personagem Veronika utilizou-a para demonstrar a singularidade que cada uma possui, pois mesmo sendo inúmeras elas eram diferentes umas das outras. A laranja, portanto remete à subjetividade e ao individualismo, característica presente tanto no romantismo quanto no simbolismo; e elas são usadas para metaforizar as pessoas que são diversas e ao mesmo tempo únicas: “ [...] não precisava ter tido tanto trabalho, mulher é o que não falta na Europa. Mas você queria encontrar a mim. ” (Ibid. 2005, p. 78). Todavia Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009, p.536) nos dá outro significado para a fruta em seu Dicionário de Símbolos:

A laranja é, como todas as frutas de numerosos caroços, um símbolo de fecundidade. No Vietnã, davam-se laranjas aos jovens casais. Na China antiga, provavelmente pela mesma razão, a oferenda de laranjas às moças significava um pedido de casamento.

Esse significado também é relevante para nosso estudo, porque a garota das laranjas era a mulher por quem Jan havia se apaixonado, a única pessoa que ele desejava ter como companheira para toda a vida: “ Mas não foram as laranjas que me chamaram atenção, e sim a moça que as carregava. Vi imediatamente que ela tinha uma coisa muito especial, algo insondavelmente mágico e encantador. ” (GAARDER, 2005, p.21). Como já citamos acima sobre o simbolismo, a laranja sintetizou uma mensagem na obra, a da singularidade das pessoas. Também seria como se as laranjas já predissessem o futuro dos dois, a formação de uma família.

A cor laranja, ou o alaranjado predomina na obra, seja no anoraque da moça, na própria fruta ou nos laranjais: “A primeira coisa que notei foi uma estranha garota que viajava de pé, levando um enorme saco de papel cheio de laranjas. Estava com um anoraque alaranjado [...]”. E essa cor está:

a meio caminho entre o amarelo e o vermelho, o alaranjado é a mais actínia das cores. Entre o ouro e o vermelho ctônico, esta cor simboliza antes de tudo o ponto de equilíbrio entre o espírito e a libido. Mas se esse equilíbrio se romper, num sentido ou noutro, o alaranjado torna-se então a revelação do amor divino ou o emblema da luxúria. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.27)

Portanto para Jan Olav a garota representava o amor divino ou como ele mesmo dizia: “Ela era uma estranha. Saíra de um conto de fadas ainda mais lindo do que o nosso.” (GAARDER, 2005, p.33). Relacionando com os simbolistas, eles buscavam a “aproximação entre realidades físicas e sensoriais, seres, cores, perfumes e pensamento ou emoção.” (MOISÉS, 2001, p. 249)

Concluindo a análise podemos perceber a atmosfera sentimentalista e a questão do amor sublime que envolve o livro, características essas que pertencem ao romantismo, somadas a alguns elementos do simbolismo, como por exemplo, as cores e os símbolos.

## 2. INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO ENCONTRADO NA OBRA

Neste capítulo investigaremos apenas os pensamentos filosóficos que encontramos na obra e faremos uma introdução sobre o uso da filosofia na literatura.

A filosofia e a literatura caminham juntas. A filosofia procura refletir e investigar as questões da vida; a literatura trabalha com a vida, com a representação do ser humano e, considerando todos os gêneros, ela também nos leva a reflexão.

Há muitos filósofos que foram poetas, tais como Dante e Goethe, por exemplo, e há diversos autores que bebem na fonte da filosofia para escreverem suas obras.

O escritor Backes (2010, p.1) atenta para o papel do romance na filosofia:

O romance sempre foi território dos mais favoráveis para ilustrar a dimensão humana das grandes questões filosóficas, fazendo as ideias brilharem em um enredo com personagens em conflito e ensaiando vida real e cotidiana através da ficção. Sigmund Freud, o pai da psicanálise, aprendeu muito com a Literatura e fundamentou algumas de suas principais teorias usando construções literárias gregas, além de citar exaustivamente autores como Shakespeare, Goethe e Heine.

Como já foi citado no primeiro capítulo, o escritor Jostein Gaarder faz uma união entre a filosofia e a literatura, pois, dessa forma ele pretende tornar a filosofia mais acessível. Todas as suas obras seguem por essa linha: *O mundo de Sofia* (2005) traz a história da garota Sofia que recebe um curso completo de filosofia ocidental; *O dia do curinga* (2011) segue a mesma linha de *A garota das laranjas* por trazer um enredo que tem a filosofia como pano de fundo e, dessa forma suas obras carregam a marca da filosofia. A professora Mariângela Alonso (2012, não paginado) salienta que:

A Literatura, como arte da palavra, pode ser entendida como um acontecimento da linguagem, ao passo que a Filosofia reflete um acontecimento do pensar. Ambas, ao buscar formas que propiciam a indagação do homem frente ao mundo, mostram que é possível o caminho do saber e assim revelam-se como duas perspectivas que podem ser cogitadas, sustentando-se no próprio homem. [...]

Neste sentido, considerando a poética como a essência da arte, Filosofia e Literatura propiciam o movimento para a vida, num sentido edificante e revelador.

A seguir focalizaremos o Romantismo e o Simbolismo antes de iniciarmos nossa análise, pois já podemos perceber alguns de seus traços em nossa obra de pesquisa.

## 2.1 As origens do Romantismo

O Romantismo surgiu em meio a transformações sociais marcadas pelas Revoluções Industrial e Francesa. Nasceu na Alemanha, na Inglaterra e na Itália, mas destacou-se na França e depois se espalhou pelas Américas.

Antes do Romantismo houve o movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), que foi o primeiro romantismo alemão, ele estava associado ao pensamento de Rousseau, e nas palavras de Citelli (2004, p.17):

O movimento romântico tinha então uma clara direção antiabsolutista e não deixava de revelar certos traços da ilustração, ainda que misturados com a idéia de um mundo incompreensível, misterioso e desprovido de significado. Os *Stürmer und Dränger*, os jovens pré-românticos, como Herder, Schiller, Lessing, o primeiro Goethe, apresentam um forte traço de irracionalismo anárquico, onde não faltaram os sentimentos de carência da pátria, de desejo de fuga do real e do presente, de mergulho na nostalgia e na valorização da morte.

Esse movimento lançou raízes profundas em toda a Europa e, particularmente nos autores da segunda geração romântica no Brasil.

O romantismo, portanto teve base nesse movimento alemão:

O significado corrente do termo << romântico >> que é << sentimental >> deriva de um dos aspectos mais salientes do movimento romântico (...). Este valor predominante é a principal herança que romantismo recebe do movimento do *Sturm und Drang* que tinha como contraposto o sentimento, e com ele a fé, a intuição mística ou acção , à razão, considerada incapaz , nos limites que lhe haviam sido prescritos por Kant , de alcançar as substâncias das coisas ou as coisas superiores e divinas. Mas propriamente neste sentido, a razão continuava a ser para os defensores do *Sturm und Drang* o que era para o iluminismo: uma força humana finita capaz, no entanto, de transformar gradualmente o mundo, mas não absoluta e onipotente e, por conseguinte, sempre mais ou menos em contradição com o próprio mundo e em luta com a realidade que tinha como objetivo transformar. O romantismo, pelo contrário, nasce quando este conceito de razão começa a ser abandonado e se passa a entender por razão uma força infinita (omnipresente) que habita o

mundo e o domina e, por conseguinte, constitui a própria substância do mundo. (...) (ABBAGNANO, 2000, p.7- 8)

Na obra *A garota das laranjas* também há muito sentimentalismo: “O meu encontro com a garota das laranjas me levava à beira da loucura, pelo menos havia abalado a minha existência de cabo a rabo.” (GAARDER, 2005, p.80)

Porém, houve algumas divergências entre o movimento *Sturm und Drang* e o romantismo, segundo a conclusão de Abbagnano (2000 p.7-8):

Mas apesar de existir uma base comum quanto às características atrás apontadas, o Princípio Infinito é interpretado pelos românticos de dois modos diversos e fundamentais. A primeira interpretação, mais próxima da ideia do *Sturm und Drang*, considera o infinito como sentimento, como atividade livre, isenta de determinações ou para além de qualquer determinação, revelando-se no homem naquelas atividades mais estreitamente ligadas com o sentimento, como sejam a religião e a arte.

A segunda interpretação define o infinito como Razão Absoluta que se move com uma necessidade rigorosa de uma determinação para outra, de forma que todas as determinações podem ser deduzidas umas das outras necessariamente e *a priori*.

Desse modo, o autor nos coloca que “[...] o romântico é definido como << o que representa uma matéria sentimental numa forma fantástica>>, definição em que se entende por sentimental sobretudo o movimento espiritual do amor, que é <<uma substância infinita>> [...]” (Ibid., 2000, p. 13)”. O romântico então valoriza as coisas do espírito e tem o amor como o sentimento sublime. Espinosa (apud ABBAGNANO, 2000, p. 13) completa que para o Romantismo o único e eterno amor estaria representado na sagrada plenitude de vida da natureza criadora, assim a natureza ganha extrema valorização nos cenários, estando relacionada com o estado de espírito do indivíduo.

A natureza estava sempre ligada ao estado de espírito dos indivíduos e o amor tinha o caráter da eternidade, pois ele transcenderia a própria morte.

Neste trecho Georg percebe que apesar da morte e dos anos sua mãe ainda ama seu pai: “Às vezes também a ouço, e acho que a ouço soluçar. Para mim, isso mostra que ela não esqueceu Jan Olav por completo.” (GAARDER, 2005, 132).

E o casal apaixonado Jan e Veronika também tinha uma relação íntima com a natureza: “A gente era capaz de colher uma anêmona ou uma violeta e passar vários minutos observando o pequeno milagre.” (Ibid., p.101)

## 2.2 O Romantismo na Literatura

Os ideais românticos são permeados por liberdade, fraternidade e igualdade, embora o desejo de liberdade fosse o mais latente:

O período de gestação e desenvolvimento do Romantismo foi extremamente rico pelas sugestões revolucionárias, pelas rápidas e profundas transformações que irão marcar a Europa e a América. O Romantismo será, ao mesmo tempo, expressão dessas circunstâncias históricas e a afirmação, talvez em um de seus momentos de maior complexidade, dos descompassos entre os avanços econômicos e as tragédias humanas; as glórias revolucionárias e os desencantos com a nova ordem formam o emblema contraditório do sentido de desajuste que marca boa parte do movimento. (CITELLI, 2004, p.14)

Tudo isso justifica o desprendimento estrutural dos românticos em suas obras, na poesia seus versos eram brancos e livres, indo contra o rigor clássico de versos e rimas metrificados, todo o sentimento do poeta romântico não cabia nas amarras de um soneto; na prosa os personagens eram idealizados, havia enorme carga sentimental e desfechos felizes. No geral o indivíduo idealizava sua realidade e tinha sempre num plano superior a sua amada. Os românticos acreditavam na transcendência da alma e usavam em suas temáticas a morbidez e a noturnidade.

Citelli (2004, p.9) afirma que o romantismo foi um conjunto díspar de tendências, marcado por algumas preocupações recorrentes como o desejo de opor-se ao classicismo, rompendo com o racionalismo e a normatividade, tendo sempre uma visão individualista: “Liberdade, paixão e emoção constituem um tripé sobre o qual se assenta boa parte do romantismo.” (Ibid., p. 9), Jan Olav acreditava que poderíamos ter a liberdade de escolha entre vir ou não para esse mundo: “O que você escolheria, Georg, se um poder superior lhe desse a possibilidade de escolher? [...] Você teria optado por uma vida nesta Terra, breve ou longa, dentro de cem mil ou cem milhões de anos?”. (GAARDER, 2005, p. 127). E todo o livro está envolto em paixão e emoção.

O Romantismo dividiu-se em três fases: na primeira fase romântica há o nacionalismo e a exaltação da natureza; a segunda fase foi tomada pelo negativismo e o sentimentalismo e a terceira pelos ideais sociais e libertários.

Na poesia o lirismo era traço forte e a musa era sempre algo inatingível e transcendental, a atmosfera noturna refletia a angústia do eu lírico, alguns poemas falavam de escapismo, tendo a infância e a morte como lugares frequentes.

Em nosso estudo a obra *A garota das laranjas* será comparada com a segunda fase romântica, devido ao apelo mais sentimental que caracterizou essa fase e que se faz presente no livro. Todavia Citelli (2004, p.8-9) nos alerta para o uso do conceito de Romantismo nos dias de hoje:

Conquanto não fosse difícil, modernamente, elaborar um roteiro de obras com claras nuances românticas, já não se pode mais empregar o conceito em seu sentido estrito que norteou um tempo e configurou um estilo de época. O que existe hoje são presentificações de gestos e valores que vicejaram pelo século XIX: um olhar sonhador, um comportamento evasivo, um certo saudosismo e crença de que o mundo já não é tão bom como antes[...] o intenso e muitas vezes platônico sentimento amoroso, são alguns dos múltiplos aspectos a que se chama comumente de postura romântica.

É essa conduta que irá nortear nosso trabalho, pois em *A garota das laranjas* temos aspectos românticos que permeiam o comportamento de Jan Olav e toda a narrativa e não o conceito restrito que marcou o século XIX.

### 2.3 O Simbolismo

Neste subtítulo faremos uma breve análise a respeito do Simbolismo, pois em nossa pesquisa ele não estará em destaque.

O Simbolismo teve a França como berço e foi inaugurado por Baudelaire com a publicação de *As flores do mal*, em 1857; sua obra também gerou o Decadentismo e influenciou a poesia europeia moderna. Porém, o crítico Hênio U. C. Tavares (19\_\_, p. 93) diz que o movimento surgiu necessariamente a partir de 1880:

conhecido a princípio pelo nome de “*decadentismo*”, devido à crítica feita por Paul Bourget, verberando no artigo “*Les Décadents*”, o estado de decadência na obra de Baudelaire e caracterizando os “*decadentes*” pelo aspecto mórbido de suas criações, repassadas de pervertido misticismo, satânico e mórbido.

Em *A garota das laranjas*, não há sinais de satanismo; há o misticismo, mas não o pervertido e, a morbidez se dá na expectativa de morte do personagem Jan:

“ Eu tenho medo, Georg. Medo de ser expulso deste mundo. Medo das noites como esta, em que já não me será dado viver. ” (GAARDER, 2005, p. 107). Lígia M. P. de Pádua (2010, p. 32) afirma que:

Se o Romantismo se recusa a acreditar que o ser humano é apenas uma peça da grande máquina que é o universo, o Simbolismo também renega o determinismo darwiniano, e recoloca o indivíduo no centro do mundo. Dessa forma, a morte, como ideia de aniquilamento da individualidade, leva os poetas a uma crise metafísica; sendo assim, muitos se refugiam na crença da imortalidade: a sobrevivência da individualidade depois da morte do corpo.

Todavia, para nosso personagem a sobrevivência da individualidade após a morte não merece muito crédito: “ Imagine Georg, se do outro lado também existisse uma mão que a gente pudesse segurar! Mas eu não acredito que exista um outro lado. Disso eu tenho quase certeza. ” (GAARDER, 2005, p.106) Espinosa (apud FONTES, 2012, não paginado) também:

Nega a imortalidade da alma e a natureza pessoal de Deus. Rejeitou o Livre-arbítrio, afirmando que a autodeterminação, isto é, agir em função da natureza de cada um, é a única liberdade possível. Esta concepção panteísta está bem patente nas suas concepções metafísicas, éticas e políticas.

A questão do misticismo será tratada no capítulo 3.3 Idealização e misticismo.

O movimento simbolista manifestou-se na poesia e na pintura, embora não houvesse prosa simbolista durante a época elas sofreram algumas influências. Flávio Aguiar (2001, p. 13) ressalta que:

Antes de ser propriamente uma escola literária, embora tivesse características de escola, o Simbolismo foi um movimento intelectual e artístico do final do século passado e começo deste, de grande amplitude e que atingiu várias artes: além da literatura, o teatro, a pintura, a música, entre outros. Seus adeptos, na busca de reafirmar o reino da subjetividade, teorizaram largamente sobre a arte.

O crítico Alfredo Bosi (1994, p.263) afirma que os simbolistas herdaram do Parnasianismo a paixão estética, mas foi o Romantismo quem os norteou ideologicamente. E Massaud Moisés (1984, p. 4) observa que :

Embora “ o símbolo sempre tenha existido em Literatura”, somente no século XIX é que seu emprego se tornou moda, com a denominação de Simbolismo.[...] Alguns ideais românticos, sobretudo os mais vagos, tiveram que aguardar o Simbolismo para realizar-se; por outro lado, este pode ser considerado prolongamento, etapa avançada da visão do mundo inaugurada pelos românticos. Além de respeitar os românticos, o ideário simbolista transfigurou-os, levando-os às últimas consequências.

Suas principais características eram o individualismo, pois desconsideravam as questões sociais abordadas pelo Realismo e o Naturalismo. “Renegando o Positivismo, o Naturalismo e o Parnasianismo, os simbolistas pregam a retomada do ideário romântico: reentroniza-se uma visão egocêntrica do mundo [...]”. (MOISÉS, 2001, p.251).

A temática era voltada para o místico, o imaginário e o subjetivo:

O decadentismo caracterizou muitas poesias e prosas simbolistas, nas quais os autores se colocavam como testemunhas de um universo em decadência, de um “fin de siècle”, que seria, também, o fim do mundo. O espírito decadente representa o cansaço de uma civilização entediada que se julga estar no ocaso, e sendo assim, sempre está à busca de situações novas, estejam elas no extravagante, no mórbido ou no requinte da forma. O artista decadente, por sentir exausta a força criadora, evade-se para o mundo da imaginação sensual. Nesta forma de misticismo, a alma torna-se, então, um produto terrestre que reconhece o abismo em que vive a consciência humana. (PÁDUA, 2010, p. 35)

A estética foi marcada pela musicalidade, utilizando recursos como aliterações e assonâncias; e na arte suas obras guiavam-se apenas pela intuição. Para compreendermos melhor o sentido da palavra intuição encontramos uma definição:

Intuição [do latim *intueri*= intuir + ção]

1. Contemplação pela qual se atinge em toda a sua plenitude uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico. (INTUIÇÃO, não paginado).

Nosso personagem também se guia pela intuição, para procurar a garota das laranjas ele relembra todos os breves momentos em que a viu e tenta planejar um

modo de reencontrá-la definitivamente: “Para mim sempre foi fácil somar dois mais dois, interpretar indícios [...].” (GAARDER, 2005, p. 28).

Outras características do simbolismo são o cromatismo, a sinestesia e o impressionismo.

Embora não tão significativos, os contatos com a pintura se tornaram relevantes, a começar do que sugeriam as “correspondências”: “os perfumes, as cores e os sons se correspondem.” [...]

Embora subjetiva, a equivalência refletia o intuito de estabelecer um nexos entre a palavra e a imagem, paralelamente à musicalização do verso. A notação cromática tornou-se rotineira, sobretudo a cor branca, que constitui obsessão, porquanto resumia o ideal de arte simbolista: a vaguidão, a languidez, o mistério, a espiritualidade, a pureza, o etéreo, o oculto, etc. (MOISÉS, 2001, p.254).

Na obra *A garota das Laranjas* já podemos apontar a presença do elemento místico na parte em que os personagens deparam-se com uma pomba morta: “nós vimos uma pomba morta na sarjeta. Foi um mau agouro.” (GAARDER, 2005, p.66); o imaginário e o subjetivo se fazem presentes nos momentos em que Jan Olav tenta desvendar a vida da garota das laranjas: “Era possível que ela estivesse preparando um festa para mais de cem pessoas e o prato principal fosse pudim de laranja.” (Ibid., p.27); o cromatismo por sua vez, está presente em: “Estava com um vestidinho [...] mais vermelho do que as buganvílias [...]” (Ibid., p.75), mas a cor laranja envolve toda a narrativa, pois, a própria figura da laranja e do anoraque da garota deixam a atmosfera alaranjada, o significado dessa cor analisamos no primeiro capítulo, no segundo subtítulo, em que focalizamos toda a estrutura da obra *A garota das laranjas*; e o impressionismo representado na narrativa feita em primeira pessoa, a partir de uma lembrança, desse modo o narrador tem apenas impressões dos fatos ocorridos.

Mais do que apenas uma escola literária, o simbolismo foi uma resposta do homem moderno a todas as transformações da época:

Historicamente, este movimento é contextualizado num momento de transformações políticas e sociais advindas do desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da luta de classes entre burguesia e proletariado, resultante da expansão urbana, do êxodo rural e da grande miséria do mundo operário. Acrescido a esse clima de incertezas e desconforto social, o iminente fim do século anunciava,

em uma perspectiva apocalíptica, o fim dos tempos [...]. (PÁDUA, 2010, p. 31)

E o simbolismo tornou-se, por isso, uma filosofia que buscava a espiritualidade, o indivíduo em harmonia:

Não aceitando a separação entre sujeito e objeto, entre artista e assunto, para ele objetivo e subjetivo se fundem, pois o mundo e a alma têm afinidades misteriosas, e as coisas mais díspares podem revelar um parentesco inesperado. O espírito, portanto, não apreende totalmente nem traça um contorno firme dos objetos, dos seres, das ideias. (CANDIDO; CASTELLO, 2003, p.294-295)

### 3. PARALELOS ENTRE A FILOSOFIA ROMÂNTICA E SIMBOLISTA E A PERSPECTIVA DO PERSONAGEM JAN OLAV

Neste capítulo confrontaremos o comportamento de Jan Olav e algumas passagens do livro *A garota das Laranjas* com o romantismo, o simbolismo e o existencialismo.

#### 3.1 Definições de Literatura Comparada

A nossa proposta de pesquisa irá enveredar-se pelo campo da Literatura Comparada para podermos contrapor as ideias do livro *A garota das Laranjas* com as do romantismo, do simbolismo e do existencialismo, por isso faremos uma definição de literatura comparada. Literatura Comparada é um estudo que visa fazer um diálogo entre diferentes obras e linguagens, pois Magny (apud BRUNEL; PICHOS; ROUSSEAUD, 1995, p.XVIII) verifica que os universos literários são murados e:

[...] se comunicam tão pouco entre si quanto o fazem as consciências nas filosofias pessimistas, e que duvidam do homem. Reclusas elas mesmas, as obras tendem a aprisionar também seu "consumidor" se ele próprio não se tornar crítico, recriando-as na sua singularidade, *percebida como tal*.

Dessa forma temos que estender nossas análises, ir além da obra, buscando novas fontes para termos uma percepção mais crítica a respeito das produções literárias. De acordo com os autores Brunel; Pichois e Rousseaud (1995, p.1) a literatura comparada "define um aspecto duradouro do espírito humano, aplicado ao estudo das letras, uma necessidade bem anterior à criação deste pequeno monstro lexicológico." e ela serve para comparar estruturas ou fenômenos análogos a partir de aspectos que possam ressaltar características comuns e a partir deles obter leis. (Ibid., p.3)

Na definição de Helena Carvalhão Buescu (2010, não paginado):

a Literatura Comparada se situa na área particularmente sensível da "fronteira" entre nações, línguas, discursos, práticas artísticas, problemas e conformações culturais. E esta colocação faz dela um campo de indagações particularmente fértil para a colocação de

problemas que, se tomados em absoluto, dificilmente poderão encontrar uma formulação epistemológica significativa.

Usaremos, pois, o método comparativo em nosso estudo para romper as fronteiras literárias do texto e procurar obter características comuns entre a perspectiva do personagem Jan Olav e a filosofia, partindo dos traços mais latentes do romantismo, do simbolismo e do existencialismo. Através dos resultados teremos uma visão mais crítica sobre a obra.

### **3.2 A insatisfação do personagem**

Iniciando a comparação trataremos o tema da insatisfação, uma das características latentes dos românticos, que está presente no comportamento de Jan Olav, personagem da obra em estudo. Citelli (2004, p.11) justifica a insatisfação da geração romântica:

O romantismo nasceu marcado por um movimento contraditório, onde afirmação e negação possibilitam a ampliação do conflito entre o eu e o mundo, o indivíduo e o Estado, proporcionando a eclosão de um individualismo em grau de profundidade como talvez nunca se tenha assistido no Ocidente. O sujeito problemático, em desarmonia com seu tempo e com a história- que, por sinal, havia ajudado a criar.

Jan Olav está insatisfeito com sua realidade, seus dias estão contados e tudo o que ele queria era poder viver ao lado do filho e da esposa, por isso começa a escrever sobre seu passado e concentra-se nos momentos bons com sua família.

(...) queria poder deter o tempo. Não me importaria se os dias atuais se prolongassem por toda a eternidade. Naturalmente, chegariam a tarde e a noite, pois o dia tem lá o seu decurso, o seu ritmo próprio, cíclico, mas por mim o dia seguinte podia começar exatamente no mesmo ponto que o anterior. (GAARDER, 2005, p.16)

Portanto o personagem está em conflito, é como se a vida estivesse contra ele e, diante do inevitável encontro com a morte ele volta seu olhar para o passado, onde iniciou sua trajetória amorosa. ``Então começou um dia a dia bem diferente. [...] Uma vez mais, estabeleceram-se novas regras. [...] De uma hora para outra ficamos tão nus e tão pobres. `` (Ibid., p.16)

E de acordo com Citelli (2004, p.11):

A extrema emotividade, o pessimismo, a melancolia, a valorização da morte, o desejo de evasão, são apenas algumas das muitas formas de o romântico revelar sua perplexidade ante um momento cujos valores se tornaram inaceitáveis.

Jan não deseja morrer, mas tem um certo pessimismo: “ Agora tirei licença por motivos de saúde e sei do que estou falando. Não sou um doente que se deixa enganar. ” (GAARDER, 2005, p. 17)

E tem todo um modo sentimental de ser, pois, em um determinado momento a garota das laranjas pergunta por quanto tempo ele seria capaz de esperá-la e o rapaz responde “- Aguento esperar até que meu coração comece a sangrar de aflição.” (Ibid., p.17).

Nos dias que se passaram antes desse fato ele andara pelas ruas de Oslo, procurando desesperadamente pela garota das laranjas. Sua realidade era angustiante e sentia que só quando a encontrasse seria pleno outra vez: “ A garota das laranjas não estava lá, Georg. Simplesmente não estava. E essa foi a única coisa que eu registrei. [...] Eu só tinha olhos para o que não existia. ” (Ibid., p.66)

Alfredo Bosi (1994, p. 93) ainda complementa, dizendo que: “ O *eu* romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando uma Idade Média gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paragens ou para o Oriente exótico. ” Do mesmo modo, nosso personagem está em conflito com a sua situação de doente e volta-se não para a Idade Média, mas para sua juventude, quando conhece a garota das laranjas, e para o futuro, imaginando um filho mais maduro em condições de entender sua angústia.

### **3.3 Idealização e misticismo**

Aqui iremos investigar a idealização e o misticismo que são identificados na obra.

Os românticos gostavam do lado oculto da vida, Jan Olav sentia-se atraído pelos mistérios do universo e também idealizava muitas vezes a mulher por quem

estava apaixonado, chegando até mesmo na hipótese de que ela não era desse mundo.

Neste trecho ele fala de si mesmo como se já tivesse falecido:

Você precisa saber que eu chego a ter arrepios quando penso que estou escrevendo para um filho que sobreviveu a mim, e também sei que vai doer um pouco ler o que estou escrevendo. Mas você já é um rapaz. Se eu consegui escrever estas linhas, você há de conseguir lê-las. (GAARDER, 2005, p.17)

E neste há uma das descrições que ele atribui à garota das laranjas: “Ela era uma estranha. Saíra de um conto de fadas ainda mais lindo do que o nosso. Mas havia chegado à nossa realidade porque tinha algo importante a fazer aqui, talvez para nos salvar de uma coisa que alguns denominam “o cinzento cotidiano .” (Ibid., p.33)

Coleridge (apud GAARDER, 1995, p.370) fala sobre a estreita linha entre realidade e sonho “E se você dormisse? E se você sonhasse? E se, em seu sonho, você fosse ao Paraíso e lá colhesse uma flor bela e estranha? E se, ao despertar, você tivesse a flor entre as mãos? Ah, e então?”. Para esse poeta realidade e sonho eram separados por uma linha tênue, e o mundo romântico habitava essa fronteira.

E agora comparando com trechos extraídos de outro livro do autor, *O Mundo de Sofia*, que falam um pouco sobre a perspectiva romântica: “Cansados da eterna luta por abrir um caminho pela matéria bruta, escolhemos outro caminho e nos lançamos, apressados, aos braços do infinito. Mergulhamos em nós mesmos e criamos um novo mundo.” (Ibid., 1995, p.374)

Jan interessou-se pela garota desde o primeiro instante em que a viu, eles estavam num bonde e ela abraçava um enorme saco de laranjas. A beleza e o enigma da moça o atraíram:

A primeira coisa que notei foi uma estranha garota que viajava de pé, levando um saco de papel cheio de laranjas. (...) Mas não foram as laranjas que me chamaram a atenção, e sim a moça que as carregava. Vi imediatamente que ela tinha uma coisa muito especial, algo insondavelmente mágico e encantador. (Ibid., p.21)

Segundo Gaarder (1995, p.374):

Este anseio por algo longínquo e inatingível foi algo típico dos românticos. Vem daí seu forte interesse por tempos passados [...] sentiam-se atraídos pela noite, pelo crepúsculo [...] pelo sobrenatural. Interessava-lhes muito aquilo que costumamos chamar de o lado oculto da vida: o obscuro, o misterioso, o místico.

E os simbolistas também tinham essa visão.

Jan não sabia quase nada sobre a moça por quem se apaixonara, portanto fazia muitas divagações a respeito dela:

Eu sempre fui bom em interpretar indícios, na medicina isso se chama 'diagnosticar', e ninguém circula à toa nas ruas de Oslo com um anorake de andarilho e, se isso não tiver nenhum significado, tampouco é comum andar por aí com um enorme saco abarrotado de suculentas laranjas. (GAARDER, 2005, p.27)

Sempre que se encontravam uma atmosfera enigmática envolvia os dois, eles se olhavam, mal trocavam algumas palavras e para ele, ela sempre estava em um plano superior, marcando a visão tipicamente romântica:

Não consegui mais ficar em silêncio, alguém tinha de dizer alguma coisa, e talvez isso fosse um erro, talvez fosse transgredir as regras daquilo que a garota das laranjas representava. Nós continuamos nos olhando, e eu disse:

- Você é um esquilo.

(...) A seguir, simplesmente me soltou, levantou-se majestosa com o saco de laranjas nos braços, e foi para a rua. Vi que ela estava com lágrima nos olhos. (Ibid., p.33)

O encontro crucial para os dois foi em uma noite de Natal, data repleta de encantos e símbolo da esperança, do renascimento. Nessa data já podemos detectar a presença do misticismo, elemento simbolista. No dicionário Aurélio (2001, p.465) temos a definição para misticismo como estado espiritual de união com o divino, o sobrenatural ou religiosidade profunda. Também encontramos no dicionário virtual Infopédia (2003) outras definições como atitude essencialmente afetiva que dá prioridade às crenças intuitivas, tendência para acreditar em verdades sobrenaturais, vida contemplativa e devoção exagerada.

“A vez seguinte que vi a garota das laranjas foi na noite de Natal, imagine. E nessa ocasião, consegui de fato conversar com ela. Bem... quer dizer consegui trocar algumas palavras.” (Ibid., p.44)

Nesse dia eles conseguem se entender parcialmente:

- Foi você que me empurrou no bonde de Frogner, não?
- Eu faço um gesto afirmativo.
- Palavra que você foi o próprio Papai Noel.
- Eu digo:
- E esse Papai Noel quer muito pedir desculpas pelas laranjas perdidas. (Ibid., p.49)

Ela pede a ele que espere até poderem encontrar-se novamente, o que deixa Jan mais intrigado:

- [...] quem era aquela garota das laranjas afinal? Uma de nós? Ou vinha de uma realidade totalmente diferente, talvez de outro mundo, no qual tinha de passar seis meses antes de ser autorizada a retornar e aqui ficar?
- Eu não conseguia interpretar os sinais, Georg. Não conseguia fazer um diagnóstico. (Ibid., p.57)

Os mistérios dissolveram-se poucos meses depois, quando chega até ele um cartão postal com a imagem de um lindo laranjal intitulado ' Patio de Los Naranjos', situado em Sevilha. Imediatamente ele viaja para lá ciente das poucas possibilidades de encontrá-la sem ter nenhum endereço. Devido a sua persistência e com muita sorte, eles se encontram afinal: `` Quatro horas e meia depois de eu ter me instalado debaixo da laranjeira, a garota das laranjas entra esvoaçando na praça dos laranjais.`` (Ibid.,p.75) Desse modo ele faz uma descrição romântica da garota.

Naquele dia houve a epifania, o personagem Jan Olav teve a revelação de quem era aquela criatura misteriosa, Veronika, como se chamava, foi uma grande amiga de Jan na infância, logo ela mudou-se e eles nunca tinham se encontrado até então, ele não havia reconhecido a menina de outrora, mas ela o reconheceu e todos os encontros que tiveram foram frutos de pesquisas e intuições dela.

- Tornei a encarar a garota das laranjas. E tive um sobressalto, foi mais ou menos como acordar de uma hipnose muito profunda. Eu apertei as mãos dela. Faltou pouco para que não me saltassem lágrimas.
- Veronika! – exclamei então. (Ibid., p. 78)

Em um determinado trecho do livro detectamos a presença clara do misticismo, e como foi citado acima, o místico é toda a busca pela comunhão espiritual com um ser supremo, com o mundo imaterial. Um dia Jan e Veronika estão passeando felizes pelas ruas, já planejando uma vida a dois quando deparam - se com um elemento que parece predizer más notícias:

“Mas em Sevilha, na ocasião em que a garota das laranjas me acompanhou até o ônibus do aeroporto, nós vimos uma pomba morta na sarjeta. Foi um mau agouro. Talvez por que eu não tinha observado todas as regras daquele conto de fadas.” (Ibid., p.66)

A pomba é um elemento místico porque:

Ao longo de toda simbologia judaico-cristã, a pomba [...] é ,fundamentalmente, um símbolo de pureza, de simplicidade, e, também quando traz o ramo de oliveira para Noé, na arca, de paz, harmonia, esperança, felicidade recuperada. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p.728).

Por isso os personagens ficaram tão perturbados com a imagem da pomba morta, eles pressentiram que aquilo devia ser um sinal ruim, pois aquela pomba, que também era branca, estaria personificando a felicidade dos dois, ameaçada por algo que eles ainda não imaginavam, portanto, nesse trecho o simbolismo se faz presente.

### **3.4 A concepção de existência sob o olhar de Jan Olav**

Nessa seção optamos por abordar apenas o modo como o personagem Jan Olav vê a vida e se relaciona com ela, sem uma pesquisa mais aprofundada do existencialismo.

Para essa análise utilizaremos a obra do filósofo Nicola Abbagnano, pois ele aborda o assunto de maneira clara. Abbagnano (2001, p.45) nos diz que:

Deve-se entender por existencialismo qualquer filosofia que seja concebida e se exerça como *análise da existência*, desde que por <<existência>> se entenda *o modo de ser do homem no mundo*. O existencialismo é assim caracterizado, em primeiro lugar pelo facto de questionar o modo de ser do homem; e, dado que entende este modo de ser como modo de ser *no mundo*, caracteriza-se em

segundo lugar pelo facto de questionar o próprio <<mundo>>, sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído.

O nosso personagem apresenta muitos questionamentos a respeito do mundo e do modo de ser do homem. Ele reflete sobre os fenômenos da vida e observa, por exemplo, a brevidade dela: “Não é só um lugar na existência que nós temos. Temos um tempo limitado que nos foi atribuído.” (GAARDER, 2005, p.14) E isso o faz questionar “O tempo, Georg. O que é o tempo?” (Ibid., p.29).

Portanto, Jan percebe que viemos ao mundo com nosso tempo calculado e já somos destinados a um curto período.

O existencialismo é levado a considerar o homem como ente *finito* [...] abandonado ao determinismo desse mesmo mundo, que lhe pode anular todas as possibilidades, e obrigado a manter uma luta incessante com situações que podem levá-lo ao fracasso. (ABBAGNANO, 2001, p.46)

Para ressaltar o fato acima extraímos o seguinte trecho, em que Jan diz o seguinte: “[...] a gente vem uma única vez a este mundo. É entregue a essa grande aventura. E então chega um ratinho e o conto de fadas se acaba.” (GAARDER, 2005, p. 111). Isso ilustra o determinismo.

Esses questionamentos fazem parte da relação homem-mundo, o tema único de toda a filosofia existencialista, pois, a análise da existência constitui “o esclarecimento e a interpretação dos modos como o mundo se manifesta ao homem e determina ou condiciona as suas possibilidades.” (ABBAGNANO, 2001, p.45)

Jan Olav também questiona a possibilidade de escolha, aprofundando seus pensamentos na ideia de poder escolher ou não a existência:

Teria optado por uma vida na Terra se soubesse que um dia seria arrancado subitamente daqui, talvez no momento mais feliz da minha existência? [...] Talvez respondesse com um delicado “não” à oferta de participar dessa grande aventura se fosse apenas uma visita breve, e talvez o meu “não” nem fosse tão delicado assim. (GAARDER, 2005, p.111)

Essa pergunta ele direciona ao filho, Georg, e imaginando a possível resposta do garoto ele mesmo responde:

“Se você responder que, apesar de tudo, teria optado pela vida, ainda que fosse por um brevíssimo momento, eu não posso desejar nunca ter nascido.” (GAARDER, 2005, p.113). Essa resposta exprime uma preocupação do pai com o filho, ele deseja ajudá-lo a entender a vida, a encontrar um sentido para ela. Segundo Heidegger (apud ABBAGNANO, 2001, p.56) a relação entre o homem e os outros é um tomar conta dos outros, isso constitui a estrutura fundamental de todas as possíveis relações entre os homens. Essa relação pode se manifestar de dois modos: ou o homem preocupa-se mais com as coisas que lhe proporcionará algo, ou ele contribui para que os outros se encontrem e realizem o seu próprio ser. A primeira instância seria uma forma inautêntica de coexistência, seria apenas um “estar juntos”; e a segunda seria a forma verdadeira do coexistir. “A totalidade destas determinações do ser do homem está compreendida na única determinação do *cuidado*. O cuidado (no sentido latino do vocábulo) é a estrutura fundamental da existência.” (Ibid., p.57)

Voltando ao tema das possibilidades, Abbagnano (2001, p.45) afirma:

uma outra característica fundamental do existencialismo é a de usar a noção de *possibilidade* na análise da existência; a existência é essencialmente possibilidade, e os seus constituintes são os modos possíveis de relação do homem com o mundo, isto é, as possibilidades de facto, bem determinadas, de tal relação.

Pois bem, se a existência baseia-se em possibilidades, entendemos que devemos analisar nossa vida através daquilo que está ao nosso alcance, ou seja, deduzir os acontecimentos a partir dos possíveis modos de o próprio homem se relacionar com mundo e de agir e reagir em relação a ele.

Jan Olav focaliza a garota das laranjas e, a partir disso, podemos dizer que ele considera sua vida segundo todas as possibilidades que se relacionam com ela. “A garota das laranjas não estava lá [...]. E essa foi a única coisa que registrei. [...] Eu só tinha olhos para o que não existia.” (GAARDER, 2005, p.66)

Ele isola as outras possibilidades, as outras pessoas:

Pois bem, nós estamos na pista da garota das laranjas, no seu encaixe, e esta história só fala nela. Por ora, vamos deixar tudo o mais de lado. Vamos riscar todos os outros habitantes desta cidade. Colocar todas as outras mulheres entre dois grandes parênteses. Nada mais simples. (Ibid., p.46)

E afirma: “A história da garota das laranjas é como uma gigantesca loteria, na qual só os números vencedores são visíveis.” (Ibid., p.45)

Agora abordaremos a questão da morte. De acordo com Abbagnano (2001, p.59): “A existência anônima cotidiana é uma *fuga* à morte. Considera-a como um caso entre muitos da vida de cada dia, oculta o seu caráter de possibilidade imanente, a sua natureza incondicionada e insuperável, e procura esquecê-la [...].” E, ainda segundo o autor, a voz da consciência arranca homem da vida cotidiana e o faz refletir sobre a morte. No caso de Jan Olav, ele recebeu um diagnóstico que indicava uma doença fatal e isso o faz pensar sobre a morte:

[...] posso ter certeza absoluta de que não há outra existência depois desta?[...] Não, certeza absoluta eu não posso ter. Pois, se o mundo existe, todos os limites da improbabilidade já foram ultrapassados. Entende o que eu quero dizer? Já estou tão assombrado com o fato de existir um mundo, que não tenho lugar para mais assombro se constatar que existe outro depois dele.  
[...] Eu não acredito, palavra que não. Mas o sonho do improvável tem nome. Chama-se “esperança”. (GAARDER, 2005, p.114)

A morte o deixa angustiado e, essa angústia é:

a situação emotiva capaz de manter aberta a contínua e radical ameaça que sai do ser mais íntimo e isolado do homem [...]. Com a angústia, o homem <<sente-se em presença do nada, da impossibilidade possível da sua existência>>. Ela coloca o homem fundamentalmente ante o *nada*. (HEIDEGGER apud ABBAGNANO, 2001, p. 59)

Portanto o personagem tem um olhar reflexivo em relação a existência e, diante do futuro hostil ele mergulha em suas próprias experiências para estabelecer um diálogo com o filho e desse modo orientá-lo, porém ele acaba por consolar a si mesmo também.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise do pensamento filosófico da obra *A garota das laranjas*, com focalização no personagem Jan Olav, percebemos que há algumas características românticas no comportamento do personagem, pois, ele tem uma visão idealizada acerca da garota das laranjas, pois mesmo antes de conhecê-la ele chega a crer que ela pertence a outro mundo. Além disso, a sua atual situação de doente terminal gera uma constante angústia, uma insatisfação que o leva a relembrar o passado e pensar no futuro; futuro que se manifesta tanto no filho adolescente quanto na preocupação com os dias em que não lhe será mais dado viver; essa é a fuga que ele faz da realidade. Embora ele estivesse valorizando seu presente com o filho e a esposa, é na confecção da carta, que congrega passado e presente, que ele encontra seu refúgio. O romantismo também está presente em todo o seu sentimentalismo e no seu desejo de liberdade, seja de libertar-se da maldição da morte ou da existência; e também está presente no indivíduo em conflito que ele representa, sempre voltado para o subjetivo.

Sobre o simbolismo podemos constatar a presença do misticismo, que surgiu em momentos como no encontro com a pomba morta; a morbidez na própria temática do homem a espera da morte; o cromatismo devido a constante presença da cor laranja, que mais se destacou na fruta e no anoraque da garota; e, a narrativa em primeira pessoa, feita a partir das lembranças de Jan Olav e Georg, caracteriza o impressionismo, pois, os personagens relatam suas impressões a respeito dos fatos. Todavia, nosso personagem Jan discorda da crença na imortalidade adotada pelos simbolistas, para ele essa questão é vista com desconfiança, com uma falta de credulidade quase total.

Quanto ao existencialismo, verificamos que Jan possui indagações existencialistas, pois ele questiona o mundo e o modo de ser do homem no mundo. Ele observa o destino de todos nós seres humanos, o de ter uma breve existência; preocupa-se com a morte; vê a vida de acordo com as possibilidades, uma visão fundamental para os existencialistas que consideram a existência como essencialmente possibilidade; e preocupa-se com o futuro do filho e, esse cuidar do outro é uma das questões levantadas pelo existencialismo.

Concluindo, podemos afirmar que Jostein Gaarder dá voz a seu personagem Jan Olav para refletir sobre o significado da existência e a importância dela. Como já afirmamos inicialmente, ele utiliza a literatura como artifício para tornar a filosofia algo mais acessível e prazeroso, e nessa narrativa ele nos faz o seguinte desafio:

Imagine que, há muitos bilhões de anos, no momento em que tudo foi criado, você estivesse no umbral desse conto de fadas [...] E tivesse a opção de nascer neste planeta se quisesse. [...] Só saberia que, se decidisse um dia nascer neste mundo, quando chegasse a hora ou, como se diz, quando o ' ciclo se completasse', teria de deixá-lo e a tudo quanto nele existe. (GAARDER, 2005, p.127)

## 6. REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. O Romantismo. In: ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia- Vol.8**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

\_\_\_\_\_. O existencialismo. In: ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia- Vol.12**. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p.45-95.

AGUIAR, Flávio. **Cruz e Souza**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

ALONSO, Mariângela. O descortinar da angústia: Diálogos entre Clarice Lispector e Martin Heidegger. **Vocábulo – Revista de Letras e Linguagens Midiáticas Vol. 2**. Ribeirão Preto: Barão de Mauá, 2012.

A outra onda da literatura nórdica. **Ípsilon**, Portugal, 9 dez. 2011. Disponível no site: <http://www.swedenabroad.com/SelectImageX/241693/11209IpsilonLitNordica.pdf>. Acesso em: 07/09/2012 às 14h08minh.

BACKES, Marcelo. A literatura e a filosofia no altar. **Revista Filosofia**. 73. ed. Editora Escala, 2010. Disponível no site: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/43/artigo162087-1.asp>. Acesso em 21/09/2010 às 01h36minh.

BETTIO, Máira Althoff De. Analepse e Prolepse. In: **Infoescola**. 2010. Disponível no site: <http://www.infoescola.com/portugues/analepse-e-prolepse/>. Acesso em: 23/11/2012 às 14h30min.

BRUNEL, P.; PICHOS, Cl.; ROUSSEUAD, A.M. **Que é literatura comparada?**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

BUESCU, Helena C. Literatura Comparada. In: **E- Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia**. 2010. Disponível no site: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=919&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=919&Itemid=2). Acesso em: 02/09/2012 às 16h46min.

BOSI, Alfredo. O Simbolismo. In: BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO; José A. **Presença da Literatura Brasileira das origens ao Realismo: História e Antologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CITELLI, Adilson. **Romantismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

D`ONOFRIO, Salvatori. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

- FERREIRA, Aurélio B. H. **Mini Aurélio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONTES, Carlos. Bento Espinosa. In: **A filosofia no sapo**. 2012. Disponível no site: <http://afilosofia.no.sapo.pt/10espinosa.htm>. Acesso em 25/11/2012 às 20h45min.
- GAARDER, Jostein. **A garota das laranjas**. 8ª reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O mundo de Sofia**. 47ª reimpressão. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- GAZOLA, André. **Citações de Jostein Gaarder**. In: GAZOLA, André. **Biografia de Jostein Gaarder**. Disponível no site: <http://www.lendo.org/biografia-de-jostein-gaarder/>. Acesso em 07/ 09/ 2012 às 13: 49 min.
- INFOPÉDIA. **Porto: Porto Editora**, 2003. Disponível no site: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/misticismo>. Acesso em 23/09/2012 às 20h.
- LEITE, Ligia C. M. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MOISÈS, Massaud. **A Análise Literária**. 15. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- \_\_\_\_\_. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.
- \_\_\_\_\_. Simbolismo. In: MOISÉS, Massaud. **História da Literatura- Vol. II**. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix. 2001.
- MESQUITA, Samira Nahid de. **O Enredo**. São Paulo: Ática, 1986.
- PÁDUA, Lígia M. P.. **A leitura do fantástico nos contos de “ Ligeia”, de Edgar Allan Poe, e “ Véra”, de Villiers de L’Isle-Adam**. 2010. 105 f. Tese (Mestrado em Estudos Literários. Teoria e Crítica Literária.) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- SIMBOLISMO. In: **Infopédia**. Porto: Editora, 2003. Disponível no site: [http://www.infopedia.pt/\\$simbolismo](http://www.infopedia.pt/$simbolismo). Acesso em: 22/11/ 2012 às 16h.
- TAVARES, Hênio Último C.. **Teoria literária**. 4. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 19\_\_.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

